

**MOMENTO DE REFLEXÃO E APRENDIZADO NA ILHA MICHILES, MUNICÍPIO
DE MAUÉS - AMAZONAS**

Manuel Ricardo dos Santos Rabelo¹

Maércio de Oliveira Costa²

Nícolas Andretti de Souza Neves³

Ronaldo Cardoso da Silva⁴

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da experiência sociocultural e educacional vivenciada na comunidade ilha Michiles, localizada na Região do Alto Marau, no município de Maués, estado do Amazonas. A mesma encontra-se distante da sede deste município, cujo deslocamento ocorre somente por meio de transporte fluvial. A visita teve como finalidade a interação sociocultural com a comunidade daquela ilha, socializando experiências e práticas educacionais. Na visita ocorreram atividades como: debates educacionais, jogos e apresentações culturais, sendo que, nos debates participaram os professores do IFAM, professores e alunos da comunidade ilha Michiles destacando algumas diferenças nas práticas educacionais realizadas na comunidade e no IFAM, já nas apresentações culturais observamos a importância das danças típicas locais para a integração da comunidade.

Entre os temas discutidos no debate destacou-se a importância dos conteúdos serem trabalhados na língua nativa e portuguesa, observou-se que para o ensino e aprendizagem de conteúdos eram utilizados elementos da natureza.

Esta experiência nos levou a refletir sobre as práticas pedagógicas que são utilizadas em sala de aula, visto que os Institutos Federais de Educação da Região Norte recebem também estudantes indígenas, destacando a importância de buscar metodologias alternativas que devem ser utilizadas para o ensino-aprendizagem dos mesmos, considerando o contexto sociocultural.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Práticas pedagógicas. Sociocultural.

1 INTRODUÇÃO

A importância da experiência vivenciada na ilha Michiles, apresenta como legado um momento de reflexão para uma renovação das práticas pedagógicas. Nesta vista observamos o modo de vida dos povos que ali vivem, e analisamos aspectos educacionais e socioculturais desse grupo. Neste contexto, as atividades

¹ Instituto Federal do Amazonas – IFAM. manuel.ricardo@ifam.edu.br.

² Instituto Federal do Amazonas – IFAM. maerciocosta@ifam.edu.br.

³ Instituto Federal do Amazonas – IFAM. nicolas@ifam.edu.br.

⁴ Instituto Federal do Amazonas – IFAM. ronaldo.cardoso@ifam.edu.br.

exercidas pelos habitantes da comunidade entram como uma forte aliada para entrelaçar a vivência com a educação formal, desta forma procurou-se tecer algumas considerações sobre as expectativas da vida social do homem do campo, assim contrariando a ideia que uma pessoa de educação depauperada, não possui cultura e identidade.

Neste sentido, sempre se apresentou uma tendência de relacionar o homem indígena a uma ideia destorcida. A vida dos indígenas descrita é um exercício que inclui uma série de condições, isso não quer dizer, que seja melhor ou pior na atualidade ou em outro momento da história do ser humano na terra. Evoluir não quer dizer progresso e sim que ocorreu uma transformação. Existe atualmente um forte preconceito sobre o indígena, como se fosse inferior a homem não indígena, e neste contexto a educação para estes povos deve aparecer e ser discutida sempre nos diversos eventos educacionais, para que haja um melhor esclarecimento da importância da educação nas áreas de difícil acesso.

Os vários momentos proporcionados pela visita a Ilha Michiles em relação ao processo de aprendizagem beneficiam e fortalecem as bases de uma prática pedagógica dinâmica, permitindo um tempo para reflexão-ação-reflexão, visando atender as demandas da sociedade do mundo na atualidade. Nesta perspectiva pretendemos abordar sobre as diversas observações em relação às práticas de ensino e aprendizagem em sala de aula com relato de alguns moradores da comunidade, como famílias, professores e alunos.

A finalidade deste relato é provocar discussões sobre dos aspectos educacionais nas áreas indígenas com o propósito de refletir as atividades pedagógicas propostas para os alunos que ali vivem, procurando estabelecer elo entre a comunidade e o mundo externo, entre outros aspectos educacionais. Almeja-se além de discutir o assunto em si, propor ações para que as melhorias ocorram mesmo que a longo prazo.

Atualmente, a agilidade da informação é um detalhe de extrema importância para educação. Assim, a Instituição Educativa é suporte relevante para constituição de uma sociedade de pessoas atuantes críticos, esta visita se apresenta como um incentivo, para refletir as práticas pedagógicas do docente que atua na área de campo, visto que a cada dia novidades surgem, a troca de experiências podem dar-se em tempo real, assim facilitando para que estes profissionais da educação

renovem as suas práticas externas e internas em sala de aula e no ambiente da Instituição Educativa.

A visita à ilha Michiles, propiciou momentos de observação que levaram à reflexão, de forma que, toda a experiência vivenciada nos aportou valores de grande importância para a vida pessoal e profissional. A procura das ações para promover as mudanças a partir das vivências desta visita é o grande desafio, não é fácil sair da zona de conforto mais é necessário para que o processo educativo comece a mudar de forma positiva.

Esta experiência propiciada pelo Programa de Pós-graduação, em nível de mestrado em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, enfatizou que somente o conteúdo teórico não garante a capacitação do indivíduo e que a realidade e todos os aspectos relacionados à vida sócio-econômico-cultural do aluno deve ser valorizado e levado em consideração para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra da maneira mais efetiva possível relacionada a realidade dos alunos que ali vivem. Não se deve analisar a turma como uma unidade e sim que cada aluno tem sua experiência pessoal no contexto sociocultural, desta forma o educador deve proceder de forma que o conhecimento alcance o máximo possível os alunos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação e aspectos sociais

Faz-se urgente analisar as diferenças históricas sofridas pela população do campo. Assim como, desigualdades econômicas, sociais e desigualdades educativas escolares. Neste contexto, o fator social, indígena, racial, do campo é crucial nessas históricas disparidades. Assim verifica-se que existe dívida histórica, mas há também uma falta de conhecimento dessa dívida histórica, sendo assim, visando um dos pontos que demanda pesquisas. (ARROYO; 2006, p.104).

Por outro lado, enquanto Arroyo critica a sociedade brasileira por não criar e fazer valer as políticas públicas de educação para as populações do campo, Durkheim (1998) com uma visão de sociedade elitista e classista, se refere a uma educação que deveria ser diferente para as classes sociais. "A educação urbana não

é a do campo, e a do burguês não é a do operário". Isso mostra, evidentemente, uma atitude excludora que fortalece uma educação para privilegiados.

Marx também comenta sobre os aspectos das desigualdades relacionadas com a ordem social que ao final de todo este processo visa o poderio do capital no mundo. A espécie de poder da burguesia é o aumento do capital que submete o homem ao trabalho assalariado, causando situações de competitividade e desigualdade entre os trabalhadores. Isso mostra um índice absurdo de "pobreza que cresce mais rápido do que a população e a riqueza". (Marx,1998; p.28)

No entanto, o povo da floresta da Amazônia por sua vez, evidencia que domina saberes. Conhecem as marés do rio que enche e vaza, do tempo da piracema, sabem que grande área de floresta no chão torna o solo da Amazônia infértil, do período da coleta dos frutos na floresta, entendem a geografia do rio, da mata; trazem consigo a cultura de seus antepassados impregnada em suas cantigas, danças e lendas em seu jeito de ser homem, mulher cabocla atada a saberes amazônidas, mas a inclusão de sua cultura nos currículos escolares se aciona por aspectos que envolvem desde políticas públicas para a educação como também, a aproximação do professor com o aluno e sua realidade por meio de situações problematizadoras.

Para Freire (2007) não existe nenhuma estrutura exclusivamente estática, assim como, não há uma, absolutamente dinâmica. Isso vale para a estrutura construída pelas sociedades e também para a educação. Desde a antiguidade até a contemporaneidade, as concepções de educação sofrem alterações, modificações ou surgem novas.

2.2 Educação indígena: contexto histórico

As populações indígenas sustentam sua alteridade graças a táticas próprias de vivência sociocultural, assim sendo, a ação pedagógica destas estratégias. A educação dos povos indígenas lhes deixa ser como são de modo que continuem a manter transmitindo a sua cultura por gerações. Esta pesquisa traz como hipótese de que não há um problema da educação indígena, pelo contrário, o que contempla é uma solução indígena ao problema da educação.

A experiência com o povo *sateré-mawé* mostrou que esses indígenas nunca se viram “perdidos” diante de novas situações verdadeiramente inéditas.

O sociólogo Florestan Fernandes (1989) dizia que a educação tupinambá se caracterizava por ser tradicional sagrada e fechada. Outros tipos de educação têm sido caracterizados de outra maneira.

3 METODOLOGIA

A aula de campo realizou-se na ilha Michiles, localizada na margem esquerda no Alto do Rio Marau, na terra indígena Andirá Marau, no município de Maués, estado do Amazonas.

Foto 01 - Comunidade da Ilha Michiles



Fonte: autores

A pesquisa teve como amostra a população da comunidade da ilha Michiles, particularmente os alunos e professores da escola dessa comunidade. A pesquisa teve base a observação de todas as atividades que ocorriam assim como no cotidiano da comunidade em si, assim nos apropriando do método de pesquisa qualitativa e estudo descritivo.

Neste contexto, a comunidade pensou na construção da escola, sendo que no início levantou-se o barracão e em seguida organizou-se toda a documentação necessária para a legalização perante a Secretária de Educação do município de

Maués, de forma que convidaram todas as lideranças envolvidas. O nome da escola foi em homenagem a lenda do tatu-bola com a tucandeira, na qual recebeu o nome de Escola Municipal Indígena Mypynugkuri. Atualmente, a escola possui um auditório que funciona como anexo, para realização de reuniões, encontros, atividades culturais e exposições de artefatos indígenas, entre outros.

Foto 02 - Reunião no Auditório na Ilha Michiles



Fonte: autores

Foto 03 - Debate no Auditório na Ilha Michiles



Fonte: autores

Foto 04 - Atividade cultural no Auditório na Ilha Michiles



Fonte: autores

Foto 05 - Exposição de artefatos indígenas no Auditório na Ilha Michiles



Fonte: autores

Foto 06 - Apresentação musical no Auditório na Ilha Michiles



Fonte: autores

4 RESULTADOS

A experiência da visita a Ilha Michiles, proporcionou conhecer a realidade de outro ambiente educacional, em outra região do estado do Amazonas. Neste contexto, questionamos o por quê da visita a uma comunidade indígena? Neste sentido, a reciclagem dos conceitos a partir de novas experiências traz grande valor pessoal e profissional vivenciando os aspectos social e cultural dos membros da comunidade que sendo do mesmo estado há diferenças nos costumes, entre outras características. Sendo assim, podemos analisar que nós professores não somos os detentores de todo o conhecimento, e isto se faz para reafirmar um compromisso que se assume para fidelizar suas ações a ética profissional, desta que é uma das profissões mais importantes para qualquer nação.

A oportunidade que o Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro proporcionou aos acadêmicos deste programa de buscar outras experiências diferentes do seu espaço de trabalho é louvável, particularmente no aprendizado em relação a pesquisa e extensão, que por sua vez tem grande valor na instituição de educação que envolve estes parâmetros, e neste sentido Paulo Freire (1996, p. 32) coloca que o ensino e pesquisa estão tão imbricados que um não ocorre na ausência do outro.

A interação com os membros da comunidade junto aos mestrados do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, em nível de mestrado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, serviu para refletir e analisar as ações diárias destes sujeitos, de tal forma, a levar novas experiências aos colegas em formato de propostas em diversos setores da instituição. A liderança da comunidade colaborou bastante nas informações sempre que necessitamos destas. O educador, sempre que possível, deve procurar sair do meio escolar habitual para obter novos olhares, sempre buscando analisar sobre aspectos que considere relevante para que estes se reflitam na educação fazendo a diferença para os alunos e toda a comunidade escolar.

Alguns materiais físicos necessários para as práticas desta visita serão descritos a seguir: barco, rede, comida, utensílios domésticos, câmera fotográfica, microfone, caixa de som, pendriver, notebook, lápis e papel.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência nos proporcionou momentos de reflexão sobre as práticas pedagógicas que são realizadas em sala de aula, tendo em vista que os Institutos Federais de Educação do Amazonas recebem também estudantes de origem indígena, enfatizando a importância de buscar metodologias alternativas que devem ser empregadas no exercício do magistério para que o ensino-aprendizagem ocorra de forma significativa para os estudantes que ali se encontram, impactando positivamente as famílias inseridas na comunidade.

Destacamos como ponto positivo desta visita o uso de elementos da natureza como recurso para as aulas, assim construindo conhecimento em diversas disciplinas do currículo escolar. Isso quer dizer, que devemos usufruir do contexto sociocultural do aluno visto que não devemos ver uma determinada turma como uma unidade e sim considerar que cada aluno traz consigo experiências próprias.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que proporcionou a oportunidade de vivenciar esta grande experiência na ilha Michiles, assim como a direção do Instituto Federal do Amazonas - Campus Maués, representada naquele momento pela Prof.^a Leonor Ferreira, na qual auxiliou na logística e no recurso financeiro para realização da mesma e finalmente à Prof.^a Sandra Gregório, que coordenou todas as atividades relacionadas à observação em loco na ilha citada.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Vol. 2. Brasília. BF: articulação nacional por uma educação básica do campo, 2006.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico** in Oliveira, Paulo de Salles (org), Metodologia das Ciências Humanas, Hucitec, São Paulo, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos tupinambá**. Brasília: Hucitec, 1989.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 30ª ed. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MARX, K. **Terceiro manuscritos**. [Propriedade privada e trabalho]. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1998.